

# Resenha

## Filosofia Medieval *Medieval philosophy* (MCGRADÉ\*, 2008)

SERGIO DE SOUZA SALLES\*\*

A prestigiosa série de *Companions* da *Cambridge University Press* chega ao Brasil por meio da editora Ideias&Letras. Deve-se enaltecer, em primeiro lugar, a política editorial que levou à tradução e à publicação de *Filosofia Medieval*, em particular, dentre tantos outros *Companions* disponíveis. Afinal, mais do que qualquer outro período da história da filosofia, o da filosofia medieval ainda carece de reconhecimento e de difusão, sobretudo entre os estudantes e os professores brasileiros.

Desde o humanismo renascentista, a filosofia medieval vem sofrendo com o descrédito. As ironias de Erasmo, de Cornelio Agrippa, de Rabelais e de Francis Bacon, no século XVI, ecoam no sarcasmo de Voltaire e de outros filósofos do século das luzes. São conhecidos os comentários nada lisonjeiros de Descartes e de Locke sobre a escolástica. Os preconceitos perduram no século XIX, com a identificação da filosofia medieval com o abuso dos argumentos de autoridade e do formalismo. No século XX, os partidários de uma filosofia explicitamente antiescolástica desenharam um quadro ainda mais contraditório da filosofia medieval. Com efeito, de Bertrand Russell a Will Durant questionou-se o estatuto de uma “filosofia” na Idade Média, período em que os dogmas teológicos parecem limitar as possibilidades do pensamento.

Felizmente, em nossos dias, tamanho preconceito vem cedendo espaço a um juízo menos ideológico em relação à Idade Média e à filosofia medieval. O desenvolvimento considerável dos estudos medievais no século XX, somado à nova hermenêutica das ciências sociais e humanas, permitiu um novo juízo acerca desse rico e longo período da história.

Cabe ainda recordar o valor incontestável da encíclica *Aeterni Patris* (1879), na qual Leão XIII recomendava às instituições católicas o estudo dos Padres

\* A. S. McGrade é professor emérito de filosofia da Universidade de Connecticut.

\*\* O responsável pela resenha, Sergio de Souza Salles, é Doutor em Filosofia pela PUC-RJ e docente dos Institutos Superiores La Salle-RJ, da Universidade Católica de Petrópolis e do Instituto de Filosofia João Paulo II. E-mails: sergio.salles@ucp.br; salles.sergio@oi.com.br.

## Resenha

da Igreja e dos doutores escolásticos. É a encíclica *Aeterni Patris* responsável por lançar as bases do movimento neoescolástico, presença viva da filosofia medieval no seio da filosofia contemporânea.

Se é verdade que o movimento neoescolástico floresceu, sobretudo, nas instituições católicas até a década 70, não é menos verdade que outros institutos e centros universitários laicos da Europa e da América do Norte desenvolveram seus estudos sobre o pensamento medieval a partir de pressupostos e motivações diversas daquelas que animaram o movimento neoescolástico. Esse movimento independente em relação à neoescolástica foi marcado, por um lado, pelos filósofos anglo-saxões oriundos da filosofia analítica e, por outro, pelos fenomenólogos alemães que se interessaram, sobretudo, pela ontologia e pela mística medieval.

Uma aproximação análoga a esses dois movimentos, um eclesiástico e outro laico, pode ser descoberta na leitura de *Filosofia Medieval*, em que dezessete especialistas abordam o pensamento filosófico do medievo numa perspectiva de abertura à própria teologia. Seja considerando o que o próprio autor medieval concebe por “filosofia”, seja entendendo a interação entre filosofia e teologia como uma virtude propriamente medieval, os autores do *Companion* adotam uma perspectiva inclusiva e não disjuntiva nas questões que envolvem as premissas e as conclusões decorrentes da religião e da fé.

Por toda a obra, o leitor é estimulado ao estudo da filosofia medieval, a partir dos temas, das questões e das soluções propostas pelos seus autores no contexto específico em que foram desenvolvidas. Como ressalta o organizador na introdução, o *Companion* “procura intensificar a fascinação [pela filosofia medieval] enquanto diminui a incompreensão” (MCGRADY, 2008, p. 17). A obra atinge plenamente esses dois objetivos.

O fruto das pesquisas acadêmicas dos dezessete autores é apresentado, de modo introdutório e sintético, em quatorze capítulos de natureza temática. Dentre os eixos temáticos, destacam-se o da metafísica de Deus e do ser, da eternidade e da hierarquia, da criação e da natureza, da natureza humana, da filosofia moral e política. A obra lança luz não só sobre a filosofia medieval cristã, mas também sobre a filosofia islâmica e judaica. Ademais, ganha especial relevância ao enfrentar, em seus dois últimos capítulos, as difíceis questões relativas à posteridade e à atualidade da filosofia medieval, bem como à transmissão e à tradução da disciplina.

O volume é, sem dúvida, valioso instrumento de pesquisa para os principiantes no estudo da filosofia medieval, graças também ao quadro cronológico, à biografia dos filósofos, à bibliografia com seiscentos e cinquenta e três obras listadas e ao índice remissivo, que compõem o conjunto final da obra.

A leitura de *Filosofia Medieval* desautoriza a persistente e não rara opinião

segundo a qual o fim da Idade Média é também o ocaso da filosofia medieval. Com efeito, a busca medieval da sabedoria é uma busca que transcende os limites espaço-temporais em que foi originalmente desenvolvida. A *Filosofia Medieval* dispõe-se, assim, a ser, nas palavras de seu organizador, “um recurso potencialmente liberador para a busca de sabedoria do próprio leitor, para onde quer que tal busca venha a levá-lo” (MCGRADÉ, 2008, p. 26).

## Referência

---

MCGRADÉ, A. S. (Org.). **Filosofia Medieval**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.